

plendor; haver em Guimarães e Lisboa exímios ourives; exercer-se em ambas estas localidades a arte de esmaltar com muita proficiência, como provam a mencionada custodiã de Belem e outras obras d'esse tempo; e vêr-se representada, entre os relevos do mesmo calix, a fachada da sé de Braga.

O calix tem gravada em volta da boca a primeira parte da formula da consagração: *Hic est enim calix sanguinis mei.*

Agradecemos ao sr. Antonio Lopes de Figueiredo as informações que nos enviou sobre estas peças do thesouro da sé primacial.

I. VILHENA BARBOSA.

A POESIA REVOLUCIONARIA

EA

• MORTE DE D. JOÃO •

(Poema pelo sr. Guerra Junqueiro)



Em 1865 saíram á luz em Coimbra as *Odes modernas*, do sr. Anthero de Quental.

Esse livro, além do seu valor intrínseco, possui para o caso de que nos occupámos o valor especial de ter sido o iniciador do genero de poesia de que o volume do sr. Junqueiro nos dá hoje um exemplar esplendido.

Na nota que o sr. Quental juntou aos seus poemas lê-se: «A poesia moderna é a voz da Revolução, porque a Revolução é o nome que o sacerdote da historia, o tempo, deixou cair sobre a fronte fatidica do nosso seculo. Como do seu Deus dizia o apóstolo antigo, *in eo vivimus et sumus*, podemos nós com razão ainda maior afirmar do grande espirito de revolta da nossa idade. N'elle e por elle é que somos, por elle e n'elle é que vivemos.—O ar que a nossa sociedade respira, a atmospherá turva e agitada, mas vivificante, em que vae penetrando dia a dia, não é já composta, não, de boas e pacificas creanças velhas, de resignação, de obediência, de fé sublime... e céga. Outro é o ar! abrem-se os olhos para lêr as contradicções dos santos, dos venerandos, dos excellentes livros antigos. Estendem-se as mãos para palpar, sob os vestidos de brocado dos bons idolos d'outr'ora, o pau de que eram feitos... e o ferro também muitas vezes.»

Desde que a Europa ouviu pela primeira vez nas modernas idades proclamar o principio da Justiça como fonte do direito e da moral, desde o apparecimento do grande livro de Grotius *De jure pacis ac belli*, nunca mais a Revolução deixou de presidir aos destinos das nações europeas. N'ella viveram e foram. N'ella vivem e são. As transformações religiosas, a evolução philosophica, as revoluções sociaes e politicas, o progresso das sciencias, são as lages da grande via, estrada amplissima que ha tres seculos os povos europeus seguem pisando em procissão épica.

Os artistas vão na frente enchendo o ar com suas musicas; e é segundo o rythmo afinado pelo diapasão do grande todo que marcha, é a compasso medido pelo andar do exercito divino, é recebendo dos que os seguem a inspiração de que vivem, troando e gemendo, os risos de envolta com as lagrimas, pedindo á alma humana o seu segredo, e aos homens a sua idéa; é assim que os artistas,—percursores inconscientes que sentem o que não lhes é dado definir,—incitam, preparam, decidem, o caminhar ondulado da massa de homens que progride na larga via da historia.

A *Morte de D. João* é o livro de um artista na rigorosa e mais bella accepção da palavra. É-o também de um poeta. Poeta é aquelle que adivinha; a poesia é uma religião, ou antes uma metaphysica concebida religiosa, imaginativa, não racionalmente. Artista é o que possui o dom de sentir o lado bello das cousas e de as referir com as palavras, notas, côres ou fórmãs, mais adequadas para nos transmittir a energia das suas impressões. O auctor da *Morte de D. João* é mais artista do que poeta.

No decurso d'este trabalho travaremos conhecimento com o artista; é porém do poeta que especialmente nos hemos de occupar.

«Qual é o principio que domina o Universo? pergunta o poeta: A Justiça.»

Tal resposta, dá á obra os fóros de objecto vivo, são e férte, auctorisa a critica a estudal-a, e manda a todos os que amamos este mundo em que vivemos, a todos os que crêmos em suas obras, a todos os que esperámos para os homens um porvir de grandeza

e de virtude igual ao passado enorme de sombras e de angustias, manda que nos demoremos aqui, á sombra perfumada de uma bellissima efflorescencia artistica, a medir este novo marco da estrada da Revolução.

A semente lançada á terra da poesia nacional, vae em dez annos, produziu agora o seu mais bello fructo.

I

Já passou o tempo em que a vertigem do heroismo inchava os homens como na fabula da rã e do boi. Os gigantes-pygmeus do principio d'este seculo viram-se ainda em vida reduzidos ás proporções mesquinhas dos mortaes. Um pseudo-Prometheu carpia em Santa-Helena; Chateaubriand, o Juliano-apostata do catholicismo, despia o manto nas *Memorias*; os Rolandos do imperio humilhavam-se perante o obeso Luiz, 18 de nome; o grande eu heroico de Fichte e de Schiller apparecia em Waterloo com Blücher e depois em Paris a dar uma amôstra dos prussianos de 1870. E, como verdade fria d'essa época de grandes illusões, restam-hos duas figuras, dois unicos homens que dominaram a situação, Metternich, um imbecil, e Talleyrand, um maroto.

Quem forjava os heroes da tragi-comedia era uma litteratura doente e uma philosophia insensata. O espirito humano, commovido pelo drama colossal de 1793, abandonára momentaneamente as suas gloriosas tradições: fulminava o seculo XVIII e o seu espirito scientifico, esquecera Montesquieu e Gibbon, não sabia da existencia de Vico, e tinha horror a Locke e a Diderot. Nem Lamarck, successor de Buffon e verdadeiro percursor do transformismo, nem Goethe e a escolá naturalista da Allemanha, podiam achar graça perante os visionarios.

Napoleão, commandando batalhas com o Ossian-Macpherson no bolso, dá uma idéa exacta d'esta face do tempo de nossos paes.—Byron, o author do *D. João*, o escandaloso demonio que feriu na face o pudor das femeas inglezas, alistando-se entre os libertadores da Grecia, morrendo mesmo em Missolonghi, dá outro aspecto da época: o homem, apaixonado e indomito, conforme o entrevira Rousseau e Fichte o prérgava.

O *D. João* de Byron é o monumento litterario mais caracteristico da época, e a *Morte de D. João* está para elle como a obra prima de Cervantes está para os Amadis.

A *Morte de D. João* é these de um tal alcance que o poema do sr. Junqueiro a não abrangeu toda. D. João não é sómente o devasso nos seus differentes exemplos; D. João é o eu indomito de Fichte; D. João é aquelle homem, composto de ardencia e paixões, de nobres loucuras, e de atrozes crimes, e de nojentas miserias, e de grandes amores, mixto confuso e anarchico de todos os factores constitucionaes do temperamento, elevados á maxima potencia. D. João é esse homem, e era com um homem assim que sonhavam os romanticos. Matar D. João é afirmar que a consciencia humana voltou a sentir-se, e o homem a venerar alguma cousa que é superior aos seus instinctos e ás suas paixões, a respeitar uma auctoridade que o envolve, e um criterio que o domina.

D. João e a sua morte são a philosophia do subjectivo e a do objectivo: a moralidade do facto está no momento solemne da historia do espirito, não no castigo do devasso. A devassidão e os crimes de D. João são metade só do homem, e metade necessaria á outra do heroismo e do louco amor. Não é o facto de D. João ser malvado que importa a sua condemnação; o que o condemna é a razão porque elle é malvado, razão necessaria de malvadez. O heroe é por força um facinora.

Ora o toque para obras da natureza do *D. Quijote* ou da *Morte de D. João*, antitheses litterarias que vão de frente a um typo que consagra o ideal de uma época, é o consagrarem ellas em si, pela comprehensão do ideal que se lhe substitue, a completa e verdadeira morte do heroe caído. O humanismo que respira o *Quijote* é a atmospherá embalsamada em que vive a Renascença. Na *Morte de D. João* respiramos sim o seculo XIX (com as reservas que irei expando), mas a antithese é incompleta porque não foi profunda a comprehensão do heroe. O auctor viu D. João com olhos de artista, e logo notou como com a guitarra elle conquistava todas as moças, como as perdia todas, como era um poço de immundicies; e foi a esse heroe da litteratura que deitou por terra. Mas atraz d'elle, dominando-o e produzindo-o, se tivesse aberto os olhos de poeta, de vate, teria visto o heroe da philosophia, o eu monstruoso de Fichte.

O heroe litterario, o D. João romanesco, é porém só uma das faces litterarias do romantismo; a outra deita raizes pelo seculo XVIII. Tem por um dos avós ao abbade de Saint-Pierre, é boa metade de Rousseau, e dá o tom a Robespierre e á sua religião extravagante; Rousseau e Robespierre tinham ambos nascido para abbades, mas uma ironia da sorte fez de um philosopho, do outro dictador. Mais um abbade—abbades não são homens—cerra o côro dos fundadores d'esse genero piegas: o abbade Delille, o mellifluo auctor dos *Jardins*, o que enchia os salões dos Martes e das

Minervas do cartão do imperio francez. Retemperado pelo *Genio do christianismo*, o genero resuscita em Lamartine, e Byron em George-Sand. Melibeu apparece de Jocelyn, e D. João de mulher: mudaram-se as scenas, os actores são os mesmos.

O lado propriamente litterario da revolução moral do nosso tempo, eis o que o artista da *Morte de D. João* sentiu e disse em versos memoraveis.

A musa dos lakistas apparece-lhe e manda-lhe cantar cousas que vão já com effeito, cantadas, choradas, grunhidas, e ditas a final em todas as vozes, de todos os animaes bipedes que tem enchido as livrarias modernas, com os productos do seu estro apaixonado ou sensível. Vae o poeta observando á musa os obstaculos que o seu coração de homem de bem, e a sua consciencia de homem sensato, oppõem a esse modo de pensar, e a musa respondendo, até que a final, perdida a esperanza, foge.

A musa dos lamartinianos, entretanto, nunca em seus dias ou sou empregar em serviço proprio a ironia, essa alegre companheira, e consoladora intima de todos os bons espiritos. A ironia não se compadece, é verdade, com as regras litterarias da contemplação do vasio, das lamentações ao luar, e dos canticos de erotismo amoroso:

—Se ha estrellas no céo e rosas pelo monte,
Se sabes lér Petrarcha e lér Anacreonte,
Se a tua amante é bella e se o teu sangue é novo,
Deixa espingardear o coração do povo,
Deixa morrer Catão, deixa insultar a luz,
Deixa queimar Voltaire, deixa matar Jesus...
Não cessam de cantar por isso as cotovias.
Que o Pontifice lamba os pés das monarchias,
Que Tartufo conspire e D. João seduza,
Que a treva innunde a escola e a honra empenhe a bluzza,
.....
Que nos importa a nós? Que importa o bem e o mal,
As velhas dissensões, a lucta, o dogma, a critica?
Os rouxinoes não têm opinião politica,
As flôres não vão lér as obras de Proudhon...

Ora a musa dos poetas-lyricos nunca disse estas cousas, não as sabe, nem quer saber, e duvido que fallasse em tão bons versos. Seja como fôr

.... a branca appareição, ligeira como o vento,
Perdeu-se pelo azul do claro firmamento.

A musa não pôde responder, foi batida. A brisa, as aguas, os ribeiros, e todas as flôres do prado, desde a cecem até á bonina, e todos os labios de todas as virgens, a geographia e a botanica e a zoologia dos lamartinianos não conquistaram o moço, o forte, o vivo poeta moderno, das modernas paixões, dos valentes e profundos pensamentos, cuja musa é outra

.... a grande musa austera
Que habita junto a Deus na eterna primavera
Dos astros e dos sóes.

É ella que lhe apparece, e que o poeta ouve, como á sybilla, em religioso silencio, quem lhe manda que defina a lei suprema,

Que rege o movimento e as fórmias da materia;
.....
Os globulos do sangue e os globulos dos mundos,
As correntes do mar e a lucta das paixões,
O verme e a tempestade, os homens e os vulcões.
.....
Definir essa lei, eis o immortal problema.
Trabalha para isso a natureza inteira:
A consciencia, o ferro, a buçsola, a caldeira,
O magnetismo, a luz, as prensas, o martello,
A voz da intuição e a lingua do escalpello,
A critica e a fé, os dogmas e os metaes.
E é d'este turbilhão de sciencias colossaes,
Dos livros, do vapor, das forjas, dos museus,
D'esta aproximação immensa para Deus
Que hão de surgir em breve, athleticas, radiantes,
Musas para inspirar theorbas de gigantes.

Eis ahí a confissão do poeta, eis o alicerce de granito d'este livro que ha de viver, como vivem as cousas verdadeiras e santas.

Conceber o movimento da vida real e positiva como *aproximação para Deus*, é comprehender toda a profundidade verdadeira do pensamento moderno, para o qual deixou ha muito de existir o velho Deus exterior e inimigo, perante quem nós homens eramos tyteres movidos pelo cordel, cheio de nós, da sua divina graça, e cuja adoração consistia no sacrificio de tudo quanto ha santo

na alma, a começar pela dignidade humana, pisada a pés pelo dogma do peccado;—do pensamento moderno, para quem a contemplação do Universo moral, matou de vez as propectas doutrinas do empyrismo sensualista, e o dualismo primitivo da materia e do espirito, do bem e do mal, de Deus e do Diabo.

Mas não é sómente a corda épica, a que a musa lhe manda ferir. Pelo contrario. *A Morte de D. João*, animada de principio a fim por um pensamento épico, é um poema humouristico, vasado, e vasado de mais, nos moldes de Espronceda, de Heine, de Baudelaire e de Swinburne. O baudelarianismo na poesia é um vicio de gosto que ataca hoje em dia os melhores. O requinte de sensibilidade dolente a que a elevação da vida psychologica moderna conduz os espiritos delicados; e o requinte de sybaritismo a que as contradicções moraes e economicas da nossa época tem levado os sentidos; dão as mãos para produzirem a tendencia, geral de mais para ser artificial, de uma das faces da poesia contemporanea. Combinae esta tendencia com a influencia dos modelos classicos de um genero, combinae-a com as necessidades estheticas do artista, e com o jugo da arte-poetica de uma escola, e tereis a explicação do baudelarianismo, que nem por isso deixa de ser uma preversão de gosto.

Succede n'este momento o que sempre succedeu. Os bordeis, as pustulas, a miseria ascorosa e as bacchanaes impudicas, são apenas figuras de rhetorica, chavões de escola, como o foram para os romanticos os crimes a serio, o luar, a meia noite, o espectro, o plebeu nobilitado, a cortezá democrata, e a eterna e parvoissima figura da meretriz santa, de Magdalena.

Quanto a mim a technologia baudelariana é o defeito artistico da *Morte de D. João*. Azorregar os vicios, ou blasphemando ou rindo, é sempre bom, mas é necessario que se trate dos vicios, que se vejam os costumes, e não em vez d'elles uma sociedade convencional de meretrizes e de paes que põem as filhas em leilão á janella; convencional e rhetorica, porque a final o nosso mundo, a nossa sociedade, não são assim.

Diz-nos o poeta que

A arte é hoje uma infiel Ninon:
Magra, elegante, anemica, fransina,
Triste belleza delicada e fina,
Doidamente vestida á *Benoiton*.

Más qual arte? Não é essa a da musa épica dos monumentaes alexandrinos do prologo. Não é; é a arte que vem de Paris em volumes da casa Levy, e que a final em Paris mesmo é apenas a pimenta venenosa que aguça o paladar embotado de D. João *crevé* e das Imperias.

Será isto condemnar o humourismo em nome da *moral em acção*, a cousa mais immoral, por ser a mais imbecil, que existe? Por fórma alguma. O humourismo é a fórma necessaria e adequada do lyrismo contemporaneo; distingámos porém entre o genero e a rhetorica de um dos exemplares d'esse genero, que é o mais conhecido em Portugal. *Humour* e do melhor quilate, traços de Heine ou de Swinburne peninsular, se encontram a cada pagina na *Morte de D. João*: rasão de mais para que o artista ponha de parte os logares communs de um supposto realismo; deixe isso a quem não dispõe d'outros materiaes.

É por uma noite escura:

..... ao longe dir-se-hia
Que os choros divinaes depois de alguma orgia
Partiram, cambaleando, a abobada do espaço,
Caído sobre a terra em fulgido estilhaço.

Eis um exemplo de verdadeiro *humourismo*, e uma idéa poetica de incontestavel valor. Outra:

O poeta
Satanaz, meu amigo!
.....
Mas 'inda agora vejo, andas de luto...

O diabo
Morreu-me meu irmão, o Padre Eterno.

O *humour* que dava além uma idéa poetica, traduz aqui um pensamento philosophico; não é uma blasphemia, é uma rigorosa verdade. O Diabo e o Padre Eterno são a these e a antithese de uma proposição theologica resolvida pela philosophia, que é a do poema. O Bem contrapõe-se ao Mal, um é a condição necessaria do outro; não podem existir isolados; a morte de qualquer d'elles implica a do companheiro. Se o Bem e o Mal se confundem na idéa do Absoluto, se o Diabo e o Padre Eterno se resolvem na idéa de Deus que é um aspecto do Absoluto, a expressão do poeta é uma verdade theologica affirmada humouristicamente.

da tua fantasia, esmigalhou-te com a ponta da unha o universosinho das tuas commoções,—que tu também has de sentir, e amar, e crêr n'alguma companheira que voou contigo, n'um sol posto de verão, por entre os ulmeiros viçosos; pois bem, serás lanceada a bico de alfinete, torturada, constringida a saciar os desejos d'esse rapasete, os caprichos d'esse franchinote que se benze em nome de Deus; soffrerás para que elle se ria, morrerás para que elle se divirta... ouve-me, mas guarda-me segredo:—tambem cá succede o mesmo com os homens!

E. A. VIDAL.

A POESIA REVOLUCIONARIA

E A

• MORTE DE D. JOÃO •

(Poema pelo sr. Guerra Junqueiro)

II

(Conclusão)

CORRESPONDERÁ acaso á verdade social moral o quadro de costumes, ou antes de vícios, de que a *Morte de D. João* nos desenrola o longo inventario? Não me parece, e já disse a rasão, que reputo verdadeira, d'essa inundaçãõ de cousas feias com que o poeta julgou que se desenha o retrato das classes ainda as mais immoraes e corrompidas da nossa sociedade. É uma questão de litteratura: o realismo *faz-se* assim.

Mas será sómente isto? O pensamento, que foi ligando essa cadeia de funebres e asquerosos esboços, não vae alem de um mero systema de escola?

Não o creio tão pouco.

Ha infelizmente um modo de olhar as cousas da sociedade, que é o maior obstaculo á rapida conciliação dos interesses e das tradições. Ao encarar os enovelados rolos da sombra densa por entre a qual entrevemos o agitar aparentemente confuso das idéas, das classes e das pessoas, o primeiro movimento, o movimento espontaneo do espirito, é abraçar-se a uma idéa, a uma classe,—e quantos, mal de nós! a um nome,—endeusal-o, e fulminar tudo quanto de perto ou de longe, mais ou menos completamente, parece oppôr-se-lhe.

Esse antigo espirito de critica subjectiva, fonte primordial de todas as intolerancias, não está por nosso mal apagado, apesar de Kant, apesar de Hegel, apesar dos exemplos de todos os dias, de todas as cousas, que nos vão mostrando a rasão necessaria de tudo quanto existe, e a insensatez das nossas decisões, quando queremos condemnar com ellas uma linha só do que está escripto no livro dos destinos.

Não ha no mundo escolhidos nem réprobos, ha homens. E a verdadeira e exclusiva missão do homem é comprehender-se a si mesmo e ao mundo onde existe; porque é da comprehensão das cousas que saem as grandes linhas do edificio do Ideal, nosso criterio supremo e exclusivo.

As leis do Universo são fataes e inacessiveis á liberdade: o ponto mais elevado da acção do homem é o mover-se dentro da fatalidade, de accordo com ella, consciente de quem e como é, e como que obrigando-a assim a patentear as suas feições mysteriosas.

A fatalidade universal tem para nós uma historia que se divide em dois grandes cyclos: o inconsciente e o consciente. O primeiro caracteriza-se pela lucta, o segundo pela concordia; no primeiro, os homens, ás cegas, encontram em tudo materia para ardentes decisões, violentos combates, reptos insensatos do que julgam as ordens do seu espirito livre; no segundo *riffletono con mente pura*, como diz Vico, e percebem a necessidade das cousas, e o logar adequado de cada uma d'ellas, na serie ininterrompida da historia.

Definir essa necessidade como sómente historica, conceber a sua relação com o tempo, classificar-a chronologicamente, eis o que manda a verdadeira comprehensão das leis da Natureza que são as do Espirito, e o mais fundo alicerce do Ideal. Deixae aos que não podem ou não sabem amal-o, a adoração estúpida de uma fatalidade inconsciente, a concepção do mal como necessidade logica, e da Humanidade e da Historia como rolos de areia que o mar revolto lança, conforme o vento impelle as ondas, á tóa, para qualquer dos pontos do quadrante...

Não ha no mundo escolhidos, nem réprobos, ha homens; acto-

res a quem a sorte distribuiu os diferentes papeis da tragedia. Que façam uns de tyrannos, e outros de victimas, uns de demõnios e outros de anjos, merecem acaso por isso pena ou premio?

Elles são todos conforme os fizeram as cousas: são méros productos, não são causas.

Que o véo das miserias humanas nos chame a tristeza ao pensamento, nada mais natural para quem espere n'um futuro de maior juizo; mas que vamos nós lançar gritos e gestos na grande caldeira onde fervem os gestos e os gritos de todos os que nem sabem para que tem mãos ou boca!... Para bem vêr as cousas é mistér conservar-se fóra d'ellas: para poder saber-se alguma cousa da sociedade, é mistér viver no isolamento.

No dia em que os homens puderem vêr o seu semelhante com olhos de critico, esquecendo-se de que são homens, objectivamente, como diz a philosophia allemã, n'esse dia morreram todas as antigas dissensões, apagaram-se todos os velhos odios, comprehendeu-se a fatalidade natural das cousas, que é a concordia, o espirito de harmonia e de amor ineffaveis.

O predominio sempre crescente do material scientifico e do espirito critico, *objectivo*, eis a solida garantia, a garantia unica do progresso.

Não ha no mundo escolhidos, nem réprobos: tem uns os papeis de tyrannos e outros os de victimas, e para quem pôde encarar as cousas com criterio, tanto valem, sob este ponto de vista, os que prégam aos tyrannos que tyrannisem, como aquelles que prégam ás victimas que se rebellem. Sob um ponto de vista moral, pôde e deve, comtudo, o espirito investigar qual das duas doutrinas contém em si maior somma de elementos immoraes e retrogradados, qual deve mais á comprehensão racional do progresso e aos impetos de uma consciencia que espontaneamente sente o bom e o bello.

Seria licito exigir a um poeta moço, que agora acorda para o pensamento, o conceber o Universo de um modo que só d'aqui a muito passará da região acanhada dos que especulam, para o grande todo que sente? Não me parece.

Saudemol-o pois pelo encontrarmos entusiasta do que é santo, e irritado contra a maldade; possam as nossas palavras levar-o a meditar sobre a natureza do bom e do mau nas acções humanas, e oxalá que nos dê, sentida, e lavrada em versos esplendidos, uma das ideas mais nobres, mais reaes e mais bellas das ultimas que a Humanidade tem enthesourado...

Irrita-o a immoralidade do tempo, e não é mister dizer-lh'o, porque nol-o diz elle, d'onde provém este caracter de indecisão e fraqueza que effectivamente ennovoa a nossa era: « a sociedade perdeu a crença religiosa sem ter adquirido a convicção scientifica ».

Vamos agora vêr os personagens da comedia-humana. São apenas dois; dois *velhos*, o Padre Eterno e D. João.—Não se sente já aqui uma especie de contradicção? symbolisar em *velhos* os fortes propulsores de uma devassidão que nos mina? A velhice é impotente: como será ella a causa de nossos males? Pois não é verdade que

O dogma feito carne e o Deus feito soldado

perdeu já ha muito a corça de terrores com que reinava na crença dos homens temerosos,

... o incendio, a peste, a fome, os exterminios,
Os impetos do mar e os roncos dos trovões...?

Aguas passadas não moem moinhos: não pôde ser essa a causa dos males actuaes. Com effeito o poeta ao descrever-nos as feias acções do *despota sagrado* falla-nos sempre no preterito.

E D. João? Mas o poema é a prova da incapacidade malefica do typo. Tremei de D. João quando Byron se namora d'elle; mas para que ha receial-o, quando a poesia o põe, saltimbanco esfarapado, a morrer de fome a uma esquina? Faziam mal acaso os paladinos quando Cervantes escreveu o *Quijote*? Pobres paladinos já roidos de seculos! Pobre D. João pisado a pés por cincuenta annos de estudo e pensamento! Este livro é o teu *Requiem*!

Desappareceriam acaso porém já da terra o direito divino e a devassidão? Por fórma alguma; porque as tradições e os costumes não desapparecem de salto: são já historicos e ainda pelos desvios de alguma serra se vêem florir como nos bellos tempos da sua mais ampla existencia. Não desappareceram pois, mas deixaram de predominar, já não são vicio constitucional, factor necessario na equação social. O direito divino bate em retirada nas constituições e nos codigos, e a devassidão cede o passo a uma victoria decisiva do espirito critico, que sob um dos seus aspectos se diz sentimento da Justiça.

Qual será pois o vicio real, organico, a resultante proeminente d'esse estado da sociedade moderna, que perdeu a crença religiosa, sem adquirir a convicção scientifica?

É a adoração do bezerro de ouro; os *Levitas do milhão*, são Jehovah e D. João, porque tem um direito divino e uma individualidade indomita, romantica, como os heroes de Fichte.

Lançar-lhes-hemos, porém, aos hombros os assassínios e os estupro, e os adulterios, e os venenos, e a prostituição e a fome, e a guerra, e todas as lepras que corroem a pelle da sociedade enferma? Não; sem consciencia do acto não pôde haver culpa; sem intenção não ha crime.

Ora o culto do Milhão é um phenomeno superior á esphera da liberdade collectiva. Onde não ha fundas crenças, nem vivos enthusiasmos, ha este deixar correr estúpido da vida, occupando-a em ganhar e gastando-a em desperdiçar. Esse exercicio, exactamente por ser o que só demanda appetites e instinctos animaes, é tambem o que mais facilmente e com mais energia se enraiza no temperamento. Cuidado com o mastim quando come! Se lhe interrompeis o devorar ardente, elle apella, grita, não morde porque não tem dentes, mas paga a quem morda por elle:

— Meus bravos generaes catholicos romanos,
Meus burguezes fieis, meus velhos pretorianos,
Vamos! espingardeae, varrei-me esta canalha!
Querem mais luz? prisão. Querem mais pão? metralha.
E fallam em Direito, e fallam em Justiça,
Gente que nunca foi uma só vez á missa,
Gente que mata e rouba os padres e os banqueiros!
Cafla de ladrões! raça de petroleiros!

Mas poderemos nós, homens da critica, levar a mal aos Levitas que nos espingardeiem, quando ousarmos atacar a arca santa do seu novo culto? Não; por fórma alguma. O seu ponto de vista é outro: discutamos a fé, deixemos em paz os levitas. Lancemo-nos a essa massa de livros que defendem e propagam e exaltam o culto do Deus-Milhão e despedacemol-os. Como podemos exigir de homens que sigam este ou aquelle credo, se lhes não prégarms nenhum? E como podemos esperar que não defendam o seu quando pretendermos impôr-lhes o nosso?

Todas as questões humanas se reduzem a equívocos: não ha propriamente questões. Se os homens pudessem já discutir mais e combater menos, vêr-se-hia como tudo é simples e facil, como diria mr. Prudhomme. Não é aos poetas que cumpre discutir e argumentar; as suas armas são outras, de tempera diversa. Vêem as cousas imaginativamente, por grupos, em harmonia: o resultado será analogo, o processo psychologico é totalmente diferente.

Dividida a sociedade em tyrannos e em victimas, as legiões dos primeiros passam entre as orgias, no meio dos côros de mulheres faceis e deslumbrantes:

Corre a turba pagã ao sacrificio ...

E os segundos, o pária, a victima, aquelle que

Curvado para o chão, como alguém que procura,
Na grande paz da terra, a paz da sepultura,

dorme sobre uma enxerga na choça humida do vâlle; apenas rompe o dia, a alvorada

Com sua luz hostil, mais viva que uma espada,
Entra pelo casebre, e diz ao aldeão:
— Levanta-te, animal! Tens fome e não tens pão;
É ganhal-o, e andar... Descance quem puder;
Deixa o rico a dormir. Tens filhos, tens mulher,
Vamos! depressa, a pé! Já canta a cotovia...
Para ganhar um pão é necessario um dia.
Tens muito somno, tens?... Os párias, desgraçado,
Quando querem dormir um somno abençoado,
Vão-se deitar ali, debaixo de uma lousa,
Á sombra de um cypreste!...

Assim falla a alvorada; assim falla, com effeito, tão crua e desabridamente a Natureza, quando nós interpretamos mal as suas leis. A alvorada tem essas rudezas e essas ironias, porque é defeituosa e deficiente a nossa legislação predial.

O proletario ergue-se do leito e caminha, de enxada ás costas para o trabalho, mudo como um assombro.

Bravo! poeta. Quem te segredou ao ouvido esta expressão sublime? Mudo como um assombro! eis ahí como o aldeão ouve as ordens da fatalidade e as cumpre. Mudo trabalha, mudo crê, mudo treme! O mundo inteiro é para elle um assombro! Que viu, que sabe, que ouvia? Os sulcos da terra, quando a cava, ou como é que ha de enfiar o trigo na ceifa, ou o ladrar dos cães alta noite, e o mugir do boi á tardinha? Santas musicas, com effeito! são o seu unico deleite, a só nota de alegria nas horas monotonas dos longos dias! Como elle entende o boi, como sabe interpretar-lhe o olhar largo, interrogativo e meigo! quantas cousas diz, que longas conversas com o cão! Assombros!

Antes a mudez do assombro, antes, e as dôres da miseria e do trabalho, do que o tagarelar dos imbecis e a digestão ociosa dos inúteis!...

Não é da alçada da poesia formular-nos as soluções ou mesmo enunciar-nos os dados do problema social; *A morte de D. João* não

briga fóros de tratado de economia; o poeta sente, o livro é um quadro, e o leitor interpreta.

Mas o problema social é apenas um dos aspectos do problema universal, da revolução das idéas metaphysicas, revolução que as diferentes doutrinas apropriam com maior ou menor criterio.— E um poeta, não o será na elevada accepção da palavra, se não possuir um systema de idéas, poeticamente concebido, uma theoria do Universo, sem a qual os grupos e as figuras animadas que a imaginação lhe evocar ficarão grudadas no fundo como nos quadros bysantinos, sem perspectiva, que é condição necessaria da realidade e da vida.

A Morte de D. João diz-nos que:

... o mundo precisa um vendaval de luz
E que precisa um Deus a consciencia humana.

Vamos travar pois conhecimento com esse Deus.

III

Eu chamo-me a Justiça, a grande musa austera
Que habita junto a Deus na eterna primavera
Dos astros e dos sóes.

Invocar a Justiça e dar-lhe o papel de musa da poesia, é o traço que mais revela n'este livro o sentimento profundo da Revolução. A Revolução é, com effeito, o reinado da Justiça.

Mas que é a Justiça? Será acaso a divindade mysteriosa e cega do naturalismo antigo? Será o attributo com que o transcendentalismo christão dotou o seu Deus, attributo subordinado ao principio supremo da *graça* que é a essencia divina? Não; porque a Graça obedece ao arbitrio divino que não pôde submeter-se a regras, e a Justiça desconhece auctoridade que não seja ella mesma, que reside fóra d'ella. Em que consiste, pois, e como se caracteriza?

Esboçemos em poucas linhas aquillo que exigia volumes para ser dito cabalmente.

A Justiça, conforme a definiu Montesquieu, é a relação natural que existe entre duas cousas: essa relação é constante, seja qual for o ser a que se applique; Deus, os anjos, e os homens tem de obedecer-lhe sem distincção. Se Deus existe, continúa Montesquieu, necessariamente ha de ser justo, pois que se o não fosse, seria o mais perverso e o mais imperfeito de todos os seres.

A concepção da Justiça, como idéa que domina a propria idéa de Deus, é uma das muitas e enormes conquistas da Renascença. Subordinar Deus á norma das leis de relação encontradas no espirito humano; separar sequer Deus, isto é a vontade inintelligivel, a fatalidade cega dos orientaes, o *despota supremo* que governa os homens e as cousas segundo o capricho do seu temperamento,—separal-o da idéa do Direito, é lançar a primeira e mais solida pedra no alicerce do edificio do humanismo.

Antes de Montesquieu, já Grocio dissera que, residindo, como reside, a origem do direito na natureza, é indifferente para o caso o haver ou não haver Deus. Indifferente, por que? porque as leis naturaes são immutaveis, constantes, eternas, e não podem ser alteradas por nenhuma especie de vontade.

Vico, dando como origem ao direito, não a revelação, mas a consciencia: *il mondo è fatto dagli uomini*; e definindo os deuses como creações subjectivas nas quaes o espirito humano foi vasando as concepções proprias, determinou o ultimo dos traços fundamentaes da definição de Justiça.

Tal foi o ponto de partida, tal o programma dentro do qual o seculo xix, passado o pesadello romantico, tem incessante e valorosamente trabalhado.

As sciencias naturaes provando todos os dias a inalterabilidade, o systema, a harmonia das leis do Universo physico, isto é a idéa de Justiça no mundo da materia, demonstram, afirmando, aquillo que as sciencias moraes demonstram a seu turno: a não realidade das intervenções legendarias dos seres divinos na historia. D'esta negação resulta a affirmação correlativa no mundo do espirito: a inalterabilidade, o systema, a harmonia das leis do universo moral, isto é a Justiça, expressão da relação necessaria entre os individuos, como principio da sua existencia real.

Montesquieu, considerando a Justiça como uma idéa de relação, uma noção metaphysica, uma abstracção, não chegou, porém, a determinar a realidade positiva e psychologica d'onde procede o seu caracter organico. As observações de Proudhon a este respeito são um dos mais bellos lados do edificio dos seus pensamentos. A Justiça, diz elle, é tambem um facto da consciencia, uma faculdade organica e tão positiva como o amor, a ambição, a amizade, o gosto do bello, etc.: é o respeito da dignidade humana, considerada em si e em cada uma das suas manifestações; este respeito é innato em nós, de todos os nossos sentimentos é o que mais se afasta da animalidade, de todos os nossos affectos é o mais vivo; referido a mim chama-se o meu direito, referido ao meu semelhante

chama-se o meu dever. Se na consciencia humana não existisse esta faculdade, as sociedades seriam impossiveis, e impossivel a historia.

Conhecemos, pois, bastante, creio eu, os caracteres da Justiça; determinámos-lhe as feições, permitta-se-me a expressão, staticas e dynamicas. Vimos que, em si, é uma faculdade do espirito, e que fóra de si se manifesta como relação necessaria entre os individuos, expressão, portanto, da cohesão social, lei constitucional do universo moral, como a atracção o é para o universo physico. A Justiça é a atracção na consciencia, e a atracção é a Justiça na natureza.

Foi esta musa a que inspirou o poeta? Compreendeu elle, ou antes e melhor, sentiu elle acaso toda a vastidão amplissima d'esta idéa? Ou a Justiça que lhe appareceu, n'essas horas em que as idéas artisticas lhe ferviam na mente; é porventura ainda o velho symbolo mysterioso, que a intuição de vate lhe fazia entrevêr como já desvendado e definido pela critica do seculo XIX?

A justiça

... habita junto a Deus na eterna primavera
Dos astros e dos sóes.

Mas que Deus é este? É o nosso Deus immanente, aquelle que habita em nós, e com quem diariamente commungamos pensando, trabalhando, vivendo, amando? É o nosso Deus-consciencia, ou o *despota sagrado* das creações mythicas?

É evidentemente o primeiro, não o segundo; mas se o poeta viu, o artista peccou ao determinar o logar onde. A eterna primavera dos astros e dos sóes é o espaço ethereo onde a mythologia localisava Deus; a philosophia trouxe-nol-o para o seio de uma eterna primavera, bem mais florida e épica: para a consciencia dos homens. Deus é essa primavera, a consciencia é Deus.

Este desvio na concepção real da Justiça, ou se quiserem, na sua representação figurada, conduz o poeta a mais consideraveis incorrecções. Começou por esculpir uma figura á antiga, e a corrente natural leva-o a manter o typo que adoptou, typo que não corresponde á idéa que mais ou menos definitivamente andava na sua imaginação.

Assim, a Justiça que habita, como nos antigos tempos, junto a Deus, no empyreo, apresenta-se-nos como uma cousa tão supra e extra-humana, qual o proprio Deus de quem é emanação e que nós iremos analysar em seguida:

Se a luz do meu olhar dardeja pelo espaço,
Envolvem-se a tremer nas armaduras de aço
Os despotas antigos ...
E hei de despedaçar as ferreas gargalheiras
E todas as prisões e todas as barreiras
Forjadas pelo mal,
Até que toda a alma e todo o peito humano
Seja um ninho de luz, e seja um Vaticano
D'amor universal.

A musa que assim falla é um Juiz, não é a Justiça. Ardendo no santo amor do Ideal, como nunca ardêo outro, o novissimo Juiz não deixa por isso de ser uma creação artificial, phantastica, que vem substituir-se ás antigas phantasias. A extrema belleza da poesia não basta para encobrir o caminho errado que a imaginação do poeta segue; pelo contrario, a perfeição artistica, por accentuar os traços do desenho, torna-nos ainda mais evidente a imperfeição da idéa. A Justiça não é *alguem* que está fóra e sobre nós para nos julgar, somos nós mesmos que a nós mesmos nos julgamos. Fazer da Justiça uma abstracção, ou uma creação transcendente, é ir vasal-a nos velhos moldes partidos da mythologia, tirando-lhe o que faz a sua grandeza, isto é a realidade psicologica e social.

Darei acaso eu importancia demasiada a este ponto da minha critica? Teria sido verdadeiro o pensamento do poeta e culpado apenas o artista que não poude traduzil-o em versos, conforme lh'o dictava a mente? Não o creio.

A musa que, principiando por uma profissão de fé religiosa, acaba por uma lição de moral stoica, a quem invoca? a *ultima ratio* da sua doutrina qual é?

Quando uma lousa cae sobre um cadaver mudo,
Dizem: « tudo acabou. » E principia tudo.
De nada vale o bronze e a lapide marmorea;
Alguem a vae partir; o *alguem* chama-se a Historia.

Substituir, com effeito, ao juizo final apocalyptic, este juizo final da Historia é afirmar a humanisação da suprema auctoridade que julga. Mas esse juiz, nos céos ou na terra, Deus ou a Historia, é sempre uma abstracção, não é a realidade, não é a Justiça. O nosso juiz está em nós mesmos; é a nossa consciencia; é o nosso Deus; é a dignidade humana, faculdade tão constante em qualidade e quantidade no espirito de todos os homens, como são o

amor ou a amizade. A Historia não julga, a Historia conta, como e em que grau existiu no tempo a idéa da Justiça.

Essa idéa é a razão sufficiente da nossa existencia; é ao mesmo tempo a sua força mótriz e a sua causa final; porque é a propria substancia da alma humana que o tempo nos vae gradualmente revelando, pela expansão natural da potencia propria. Esta revelação é a razão da nossa existencia, que não pôde ser completa, enquanto não fôr cabal em nós a consciencia do nosso ser. Adquirir essa consciencia, eis a finalidade do Universo. Se acaso é licito dizel-o assim, direi, que o mundo é o proemio da vida humana, porque o homem só realmente começará a viver quando tiver adquirido consciencia real da vida, pois que uma cousa não começa propriamente a existir enquanto não pôde definir-se e afirmar-se como tal. Eis ahí como a Justiça é a definição do homem e a razão sufficiente e causa final da sua existencia.

Assim, pois, como é que o poeta põe estas palavras nos labios da Justiça:

Existe um iman — Deus — occulto no infinito?

Que Deus é esse? que infinito? É o Deus de Descartes ou o Deus de Spinoza? O primeiro não é, porque

No leito sensual do azul indefinido
Ha muito que exhalou seu ultimo gemido
O Deus omnipotente — essa ideal chimera.

É com effeito o Deus de Spinoza, conforme nol-o dizem estas duas explendidas estrophes:

Estudae, contemplae os intimos segredos
Dos astros immortaes, das crystalinas fontes;
E ouvi a grande voz dos tristes arvoredos
Prégando ás solidões do pulpito dos montes.

Nas arvores, no mar, na rocha, em tudo habita
Uma essencia de amor, um Deus que sonha e dorme ...
E é nos antros da terra, onde esse amor palpita,
Como um fóco de luz n'uma cabeça enorme.

É porventura adequada esta noção de Deus á idéa de Justiça? Não; e seria ocioso dizer por quê. O Deus da Justiça é o Deus de Hegel, que a poesia portugueza concebia já no seculo XVI na mente do maior dos seus prophetas, na mente de Camões. A paisagem viva da ilha dos amores, essa natureza luxuriosa e animada, abriga em si um Deus, mas esse Deus não é a substancia de Spinoza: a paisagem transfigura-se, a ilha é o *caminho da virtude alto e fragoso*, a natureza chama-se Virtude, e a vida Justiça.

Das *Odes modernas*, que eu citei ao começar este trabalho e vou citar agora ao concluil-o, extraio este soneto:

Oh! o noivado barbaro! o noivado
Sublime! aonde os céos, os céos ingentes
Serão leito de amor — tendo pendentes
Os astros por doce e cortinado!

As bodas do desejo embriagado
De ventura, afinal! visões ferventes
De quem nos braços vae de idéas ardentes
Por espaços sem termo arrebatado!

Lá por onde se perde a phantasia
No sonho das bellezas — lá aonde
A noite tem mais luz que o nosso dia,

Lá, no seio da eterna claridade,
Aonde Deus á humana voz responde,
É que te havemos de abraçar, Verdade!

Peccava a poesia pelo defeito que vim notando na *Morte de D. João*, e ao auctor das *Odes* devo esta apostilla inedita:

Lá! mas onde é *la*? Aonde? — Espera
Coração indomado! O céo, que anceia
A alma fiel, o céo, o céo da Idea,
Em vão o buscas n'essa immensa esphera!

O espaço é mudo, — a immensidade austera
De balde noite e dia se incendeia ...
Em nenhum astro em nenhum sol se alteia
A rosa ideal da eterna primavera!

O Paraizo e o templo da Verdade,
Ó mundos, astros, sóes, constellações!
Nenhum de vós o tem na immensidade!

A Ideia, o summo Bem, o Verbo, a Essencia,
Só se revela aos homens e ás nações
No céo incorruptível da Consciencia!

Eis ahí a theologia da Revolução.

Eis o termo da minha viagem. Bastarão estas notas rapidas e mal cozidas para dar uma idéa cabal do poema do sr. Junqueiro? Não o creio.

Não o creio, nem no que diz respeito aos pensamentos que se accumulam n'essas trezentas paginas, nem com sobrada rasão no que se refere ao modo por que essas idéas estão representadas. Occupei-me quasi exclusivamente do poeta, deixei mais na sombra o artista. Quando não tivesse outras rasões para o fazer, bastava-me esta da minha pequena sufficiencia para julgar em tal assumpto.

Mas se não conheço os segredos da arte, possúo de certo com toda a gente a faculdade de sentir o que é bello, e a *Morte de D. João* deixou em mim a impressão que me dão as obras primas dos pintores italianos da Renascença, riqueza, graça e vigor.

OLIVEIRA MARTINS.

MOGAREM

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

XII

(Conclusão)



A festa que n'esse dia se celebrou em acção de graças na igreja de Bom Jesus, e a que assistiu o governador, faltava frei Francisco Xavier, o apóstolo das Indias. Quando D. João de Castro perguntara por elle a um dos frades ninguem lhe soube dizer o seu destino. Affirmava o porteiro que entrara na igreja á hora de vespéras, que orara por alguns instantes prostrado ante o altar do Santissimo, que procurara

particulas e uma caixa da extrema-unção e saíra. Os outros frades nem sequer o tinham visto.

A festa fôra concorridissima, porém a cidade estava triste. D'entre tantos, só o governador parecia alegre.

XIII

Os invernos da India deixam apoz de si trovoadas temerosas. As manifestações da natureza, grandes em toda a parte, são enormes no Oriente. Não ha trovões, nem relampagos, nem temporaes, nem inundações, nem estia-gens como aqui.

Uma noite começaram a vêr-se correr do sul nuvens negras condensadas, e os pobres habitantes de Nanús, que tinham, segundo o seu costume, sem medo ao orvalho nem ás feras, adormecido ás portas das cabanas, exaustos pelo trabalho e pelo calor do dia, acordaram alta noite sobresaltados pelo stertor de um trovão que fazia tremer a terra. Um prolongado e vasto clarão, pelo meio do qual caía a chuva em grossos fios de oiro, deslumbrava-os. De repente o clarão apagou-se e pelo meio das trevas, as mais densas e envolventes, serpeavam centenaes de faiscas azuladas e sanguineas em todas as direcções. O vento mettia os hombros ás serras e ás florestas e de momento a momento sentiam-se estalar os troncos mais robustos

como se a mão de um gigante andasse partindo e colhendo lenha no montado. Aos mugidos do vento, ao bramar dos trovões e ás queixas do arvoredado juntaram-se em côro as vozes dos animaes selvaticos, que espreitavam do fojo e applaudiam a sublimidade augusta do cataclismo.

Junto a Nanús passa um pequeno rio, grosso e tumultuoso nos mezes do inverno, claro e murmuroso no estio, correndo entre ribas, selvaticas, sim, mas de uma formosura especial. Aquella agua que deslisa sobre um leito de mosaico, feito de pedras transparentes e de côres as mais brilhantes, roça-se por tapetes aveludados de musgo florido, que cobre ambas as margens, e deixa-se beijar pelos bastos e finissimos fetos, que sobre elle se debruçam. O sol passa difficilmente por algumas frestas do arvoredado, e, como rara chuva de luz, esmalta as flores e os mosaicos do rio.

Na margem direita d'este arroio havia um pagode da deusa Parvaty, dentro do qual, n'aquella noite tempestuosa, se acendiam luzes, e para onde corriam os habitantes espavoridos, que a trovoada surprehendêra.

De todos os lados se viam correr as sombras escuras dos indús, porque a religião foi sempre a suprema força, a suprema protecção, a derradeira esperanza em todo o mundo. A trovoada parecia ter escolhido aquelle ponto para fixar-se; até ali corrêra; chegada ali atraía, como as trombas marinhas, as nuvens todas do céo e redemoinhava. Dir-se-hia que aquella abobada esfumada e insondavel se tornava absorvente. Sentia-se ramalhar violentamente a folhagem, como se mão invisível enroscando-se n'ella tentasse desarreigar a floresta, sentia-se mugir o vento lá por cima, como a respiração violenta de luctadores titanicos; mas em baixo asfixiava-se.

Quando os chuveiros caíam a flux, o homem que corria era frequentemente lançado por terra, e morreria, a não ser soccorrido, sob aquelle jacto violento.

Com a furia crescente da trovoada cresciam o medo e os clamores; sobre tudo quando o tufão apagava as luzes do pagode, ouvia-se um grito estridente e prolongado, grito em côro, de centenaes de pessoas, que julgavam sentir-se abraçar das azas negras da morte.

No momento em que o mundo parecia desabar, quando mais bastas se cruzavam e ferviam as fitas de lume no espaço, quando mais forte a rajada fazia vacilar a montanha, quando acabava apenas a repercussão do mais violento dos trovões, ouviu-se uma voz de mulher gritar: — Soccorro! — na direcção do templo gentilico. Momentos depois Mogarem, desfeita, ensanguentada, fibricitante, tentava da porta estender os braços para a multidão apinhada, e pôde ainda uma vez murmurar: — Soccorro! —

N'isto ouviu-se dentro do templo pronunciar como um grito de horror o seu nome, e as luzes apagaram-se e a porta fechou-se violentamente sobre ella e... Não longe d'ali, na outra margem do rio, ouviu-se tocar um sino umas badaladas vibrantes e compassadas a convidar christãos á oração.

— Tantos deuses, murmurou ella, e nenhum tem piedade de mim!

— Tem! ouviu ella ainda ao cair desmaiada nos braços de um velho, que chegava açodado, e a tempo de a salvar das aguas do rio, que trasbordava.

Dentro do templo gentilico soava um côro de maldicções. O velho ajoelhou, encostou sobre o peito a cabeça desfallecida de Mogarem, e, pondo as mãos, agradeceu a Deus, juntando á prece o nome de D. Fernando de Castro.

Era a terceira noite que a melindrosa menina passava nos bosques á espera da morte.

O céo desanuveava-se.